

SUPERANDO AS FRONTEIRAS VIRTUAIS: A INTERAÇÃO HUMANA COMO FERRAMENTA DE ALCANCE E ATENDIMENTO A ALUNOS COM COMPORTAMENTO SUPERDOTADO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

OVERCOMING VIRTUAL BORDERS: HUMAN INTERACTION AS A TOOL FOR REACHING AND ATTENDING GIFTED CHILDREN DURING SOCIAL ISOLATION

Ailana de Sousa Bezerra⁵⁵

Sonia Regina Alves Nogueira⁵⁶

Alice Akemi Yamasaki⁵⁷

Fernanda Serpa Cardoso⁵⁸

Resumo

As transformações do mundo causadas pela pandemia da Covid-19 trouxeram impactos significativos às relações humanas. O isolamento social acarretou a necessidade de recursos tecnológicos para a realização de diversas atividades, em especial, dos processos pedagógicos, prejudicando ainda mais a compreensão humana, o desenvolvimento das inteligências e o diálogo entre educadores e educandos. Este trabalho apresenta o caminho

⁵⁵ Graduada em Licenciatura em Física pela Universidade Federal Fluminense. Exerce atividade empresarial na empresa ASAS - Atendimento Suplementar a Alunos Superdotados. Colaboradora do Grupo de Pesquisa e Extensão DIECI UFF - Desenvolvimento e Inovação em Ensino de Ciências. Email: ailanadsbezerra@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0416-2942>.

⁵⁶ Doutora em Física (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas). Atua nas seguintes áreas de pesquisa: Altas Habilidades ou Superdotação; Interdisciplinaridade; Ensino de Ciências/Química, Física e Biologia; Divulgação Científica; Educação em Direitos Humanos nas Ciências da Natureza; e Educação Problematicadora. É Professora Associada no Departamento de Físico-Química (GFQ) do Instituto de Química da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão DIECI UFF - Desenvolvimento e Inovação no Ensino de Ciências. Coordenadora do PRAACS! – Programa de Apoio a Alunos com Comportamento Superdotado. Membro da AIIIIPE - UFF (Associação Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica). E-mail: sranogueiradesa@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9381-6548>.

⁵⁷ Doutora em Educação (Universidade de São Paulo). Atua nas seguintes áreas de pesquisa: Altas Habilidades ou Superdotação; Educação em Direitos Humanos nas Ciências da Natureza; Educação Problematicadora; Educação Popular; Violências na Escola; e, Cinema e Educação. É Professora Associada no Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento (SSE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora institucional e de gestão de projetos do PIBID UFF (2011-2018). Docente-colaboradora do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão DIECI UFF - Desenvolvimento e Inovação no Ensino de Ciências. Pesquisadora do OIIIIPE - UFF (Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica). E-mail: aayamasaki@id.uff.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6449-5132>

⁵⁸ Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense. Atua nas seguintes áreas de pesquisa: Altas Habilidades ou Superdotação; Interdisciplinaridade; Ensino de Ciências/Biologia; Divulgação Científica; e, Educação em Direitos Humanos nas Ciências da Natureza. É professora da Educação Básica. Professora Adjunta do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense, no Departamento de Biologia Celular e Molecular. Docente do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da UFF. Membro do Comitê Científico do ConBrASD. Coordenadora da Escola de Inclusão da UFF. Vice coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão DIECI UFF - Desenvolvimento e Inovação no Ensino de Ciências. E-mail: fernandalabiomol@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3806-1725>

percorrido por um grupo de pesquisa, o qual, no período de isolamento social, como forma de resistência e preocupados com a comunicação intra e interpessoal de alunos com comportamento superdotado, atendidos anualmente no Curso de Férias organizado pelo grupo, adaptou e realizou o evento, fomentando a intersubjetividade e o diálogo, também no formato online.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Altas Habilidades/Superdotação. Intersubjetividade.

Abstract

The transformations in the world caused by the Covid-19 pandemic have had significant impacts on human relationships. Social isolation resulted in the need on technological resources to conduct various activities, in particular, pedagogical processes; further harming human understanding, the development of intelligence and dialogue between educators and students. This work presents the path taken by a research group, which, in the period of social isolation, as a form of resistance and concerned with the intra and interpersonal communication of Gifted children, attended annually in the vacation class organized by the group, adapted, and held the event, fostering intersubjectivity and dialogue, also in an online format.

Keywords: Inclusive Education. High-Abilities or Giftedness. Intersubjectivity.

Introdução

Ao longo dos séculos, a concepção do humano limitou-se a uma visão biofísica, afastando-se do princípio psico-sociocultural e desenvolvendo, por consequência, uma epistemologia mecanicista. Um exemplo a ser observado, que se refere aos primeiros pensadores a respeito da inteligência, é o de Descartes que, seguindo a teoria filosófica racionalista, compreendia o conhecimento como idéias inatas ao próprio indivíduo, sem influência alguma da experiência. Já para os empiristas como Locke, a mente humana era considerada como uma tábula rasa, sendo a experiência sensorial e reflexiva a responsável pelo conhecimento. Em contrapartida, Kant descrevia que a percepção do mundo partia de categorias inerentes ao indivíduo e que o conhecimento é gerado a partir da interação entre a razão e a experiência, esta última também criada pela mente humana (VIRGOLIM, 2014).

Conforme alerta Morin (2000), pensar a inteligência de forma compartimentada e reducionista traz ao indivíduo a incapacidade de enxergar os problemas do mundo que têm caráter multidimensional. Além disso, quanto “mais os problemas se tornam planetários, mais eles se tornam impensáveis. Incapaz de considerar o contexto e o complexo planetário,

a inteligência cega torna-se inconsciente e irresponsável” (MORIN, 2000, p. 43). Sendo assim, além do caráter biofísico, a própria habilidade de compreender o mundo e tudo o que o caracteriza, parte do reconhecimento de que, além da nossa condição terrestre e cósmica, o que nos diferencia dos demais seres biológicos é a condição humana, que ultrapassa a ideia da simples racionalidade e configura a humanidade (*Ibid.*). E, através da humanidade, nos encontramos na constante e dinâmica transformação e na intensa busca da autorrealização, que é reflexo da vocação ontológica e histórica do indivíduo, que se reconhece como inconcluso em uma realidade histórica também inacabada. Tal busca, no entanto, não se realiza a partir do isolamento ou no individualismo, pois o homem não está só na natureza, ele se faz *com* e *no* mundo (FREIRE, 1987). Através da interação entre indivíduos, que são produtos da espécie humana, é construída a sociedade que também age no indivíduo pela cultura que é um quefazer humano. Assim, não se pode conceber o indivíduo à parte do mundo, dispondo-o como fim absoluto. A cultura se perpetua através das interações humanas bem como a sociedade se auto-organiza. Porém, a própria autorrealização do homem perpassa pela cultura e sociedade. A relação rica e complexa entre indivíduo e sociedade, inseridas na tríade que se sustentam junto à espécie, é favorecida por um sistema também complexo, rico em pluralidade e antagonismos, e que possui característica dialógica: a democracia (MORIN, 2000). Assim,

A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana (MORIN, 2000, p. 55).

Dessa forma, observando a evolução histórica da sociedade, de modo geral, o olhar sobre a concepção humana foi sendo modificado, influenciando em vários aspectos o conhecimento científico, incluindo o surgimento de outras vertentes para compreender e mensurar a inteligência humana; em especial, a fim de determinar características do comportamento daqueles que se destacavam, chamados hoje no Brasil de alto habilidosos ou superdotados. Atualmente, em nosso país, os termos Altas Habilidades ou Superdotação são utilizados como sinônimos, podendo ser substituídos pela sigla AH/SD, e o perfil dos indivíduos que possuem AH/SD é caracterizado na legislação como “apresentam potencial

elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade” (BRASIL, 2009).

Por outro lado, como resultado dessa evolução histórica, a inteligência humana ora foi colocada como condição única da hereditariedade e, portanto, simplificada a um sistema unitário, ora foi analisada levando em consideração a complexidade humana, reconhecendo seu caráter polifacetado, enxergando-a como um conjunto de fatores biopsicológicos (GARDNER, 2001). Por consequência, encontramos na literatura inúmeras formas de conceber o fenômeno da superdotação, tanto por abordagens genóticas quanto fenotípicas. Entre as inúmeras teorias existentes, a maioria reconhece a importância dos agentes externos, como a cultura, o ambiente, as oportunidades etc., para o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo superdotado (RENZULLI, 2014) e para o fortalecimento da inteligência que, quanto melhor for, melhor proporcionará a faculdade de tratar problemas essenciais (MORIN, 2000).

Tal faculdade pode ser descrita pela criatividade, um fenômeno multifacetado do sujeito que, através da coragem, é capaz de traçar correlações e buscar novas alternativas diante das adversidades (LANDAU, 2002). A criatividade é caminho para a concretização da vocação ontológica, a autorrealização do homem na busca do *ser mais* exposto por Freire (1987). Porém, conforme traz Landau (2002), a autorrealização somente será alcançada caso a interação com aqueles agentes externos seja realizada em meio à promoção da segurança e liberdade. Segurança ao saber que é aceito e estimado e liberdade de ser quem é, exercendo suas habilidades e desenvolvendo suas potencialidades e talentos. Ainda segunda a autora,

Quem, criança ou adulto, não se atreve a manifestar os talentos, não é suficientemente livre para comunicar-se com seu mundo interior de vivências, tampouco seguro para contatar o mundo externo. A realização do talento é comunicação: intra e interpessoal. Se não pudermos nos relacionar com o que acontece ao redor, questionando-o, se não tivermos intimidade com nossas reações internas, ignorando os argumentos das vozes interiores, então não teremos nenhuma criatividade, muito menos auto-realização (LANDAU, 2002, p. 31).

É através das relações intra e interpessoais que podemos compreender e conhecer a complexidade humana. Tal compreensão é construída pela comunicação que não se caracteriza por realizar comunicados e muito menos apenas transmitir uma informação. A

informação, por si só, gera inteligibilidade, não bastante à compreensão que deve ser feita pelo diálogo e ter natureza intersubjetiva “como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (MORIN, 2000, p. 93). Salientamos aqui, o considerável papel da educação como instrumento para a compreensão e que, através de um processo pedagógico dialógico, assume lugar fundamental na aprendizagem democrática. Ao criar um espaço no qual se desenvolve a argumentação, a escuta, a consciência das necessidades em relação ao outro, e do respeito mútuo diante das diferenças. Expandindo os horizontes, estimulando a inteligência por meio do livre exercício da criatividade e das relações humanas e garantindo a segurança e liberdade necessárias para que o sujeito, em especial o superdotado, se auto realize e se torne capital social capaz de pensar e resolver os problemas essenciais do mundo (RENZULLI, 2002).

Foi nesse sentido que o psicólogo norte americano Joseph Renzulli (1998) propôs a terminologia comportamento superdotado, utilizando a palavra “superdotado” como adjetivo para qualificar o comportamento manifestado pela criança ou adolescente em determinado ambiente, portanto dependendo da interação com o meio, e não como substantivo, que caracteriza algo que sempre se manifestará; evidenciando a necessidade de transformar os potenciais em desempenhos. Em seu “Modelo Três Anéis”, o autor aponta que existem dois tipos de superdotação: a escolar ou acadêmica e a produtiva-criativa; para que ambas sejam potencializadas há a necessidade da interação do indivíduo com os diversos componentes do meio em que vive: família, escola e pares, cujo estudo e análise se incluem no contexto de sua teoria denominada “Operação *Houndstooth*” (RENZULLI, 2018).

No entanto, é necessária a reflexão quanto ao equívoco em que, por vezes, associamos a intensa rede de informação e tecnologia disponível nos dias atuais e que facilitam a conexão global, com a comunicação que gera a compreensão humana. É fato que, no mundo contemporâneo, o uso de ferramentas tecnológicas promove extensos benefícios como, por exemplo, na contribuição da disseminação do conhecimento científico, encurta a distância entre indivíduos, torna-se fonte de novos relacionamentos, viabiliza o contato com outras culturas etc. Além disso, diante da realidade vivida em escala mundial, na qual milhões de pessoas foram obrigadas a buscar o isolamento como proteção à vida devido à pandemia da Covid-19, esse recurso se converteu em principal instrumento de aproximação de sujeitos, modificou estilos de vida, as relações com o mercado de trabalho e,

principalmente, tornou-se artifício para que professores e escolas permanecessem vinculadas aos seus alunos, promovendo o acesso à educação. Porém, se a prática pedagógica, sendo presencial, já encontra inúmeros obstáculos, como a falta de formação adequada de professores, más condições de trabalho e estrutura precária das escolas, dentre outros, no modelo remoto os problemas foram intensificados, principalmente, perante a ideia geral de que a simples conexão por tela conseguiria suprir as relações humanas. E se, na forma convencional, o diálogo é meio essencial para que, formando sujeitos conscientes, a compreensão seja alcançada, no modelo *online*, frente ao distanciamento físico, pensar práticas dialógicas, humanas e de extremo acolhimento é indispensável.

Nesse contexto, o presente trabalho relata a experiência de membros de um grupo de pesquisa ao se confrontarem com a necessidade de se reinventarem diante do isolamento social, buscando enfrentar os limites de uma interação por meio digital e, ao mesmo tempo, fortalecer as relações humanas entre seus integrantes. Daremos ênfase a adaptação para o formato *online* das ações do projeto de apoio e atendimento a crianças e jovens com comportamento superdotado, em especial à que garantiu a manutenção do espaço de acolhimento e de inclusão oferecido a esses jovens no ambiente universitário, voltado ao estímulo da comunicação interpessoal, fundamental para a formação de cidadãos críticos, conscientes e que, por meio do desenvolvimento de sua dignidade humana, tivessem sua criatividade e habilidades potencializadas.

Interação interdisciplinar *online*: criação de caminhos possíveis para autotransformação em equipe

Ao longo dos anos, o grupo de pesquisa vem acolhendo não apenas estudantes de graduação da área das ciências da natureza como também das linguagens, filosofia e, inclusive, cinema; buscando sempre formar professores visando a Educação em Direitos Humanos a partir da problematização freiriana (FREIRE, 1987) e adotando, entre outros, referenciais como Arendt (1961), Morin (2000), Soares (2004) e Candau (2012). A participação é especialmente desafiadora àqueles que ainda consideram a organização das ciências pela perspectiva do paradigma científico dominante, o qual sustenta a visão compartimentada e reducionista do mundo (SANTOS, 2010). Nesse sentido, as reuniões de

estudo, apoiadas nesses referenciais teóricos, proporcionam abertura para a desconstrução à medida que há o incentivo à reflexão sobre o paradigma científico e educacional emergente, a complexidade, a inclusão e vários outros aspectos que contribuem para uma educação mais humanizada, incluindo a formação voltada para o atendimento a alunos com comportamento superdotado. No entanto, um fator fundamental que corrobora com a experiência desafiadora encontra-se no caráter interdisciplinar do grupo que, pela sua própria natureza, tem como essência a intersubjetividade (FAZENDA, 2002). Dessa forma, é por meio do desenvolvimento da inteligência interpessoal (GARDNER, 2001) e da capacidade em lidar com as diferenças que o amadurecimento do indivíduo é proporcionado. Para que assim, ele esteja apto a construir e realizar estratégias pedagógicas que contribuam para a formação de sujeitos criativos e conscientes. Porém, tal interação não se limita ao círculo de pessoas da mesma área de formação. A riqueza da experiência se dá exatamente pela possibilidade de ampliar horizontes em conjunto, exercitar o diálogo, debater assuntos incomuns a sua realidade, conhecer um mundo antes nunca visto/pensado, refletir e apreender conhecimentos científicos desconhecidos ou, até mesmo, aprimorar o já conhecido. Mas, especialmente, aperfeiçoar sua observação para que, atentos a nuances do comportamento de seus colegas, se torne cada vez mais sensível e humano, compreendendo melhor os sinais dos alunos em suas futuras salas de aula. A interação é um exercício diário que direciona à máxima troca de compreensão de mundo e de conhecimentos, fortalecendo um espaço democrático de diálogo. Através de uma tessitura que permite a construção do complexo (MORIN, 2000), do conversar com o outro que para Anastasiou e Alves (2003) significa abertura para mudar junto, é que são desenvolvidos os trabalhos pelo grupo. No entanto, se quando feita presencialmente já encontra inúmeras dificuldades e obstáculos, em situação de distanciamento físico, os problemas são ainda mais intensificados.

A nova rotina ocasionada pela pandemia da Covid-19 trouxe reflexões e reformulações em vários âmbitos da vida humana, bem como no trabalho formativo e extensionista do grupo de pesquisa. Preocupados em continuar proporcionando a relação humana, a formação adequada e de qualidade, além de conservar vivas as ações nos diferentes projetos desenvolvidos, foi preciso se movimentar, enquanto grupo, à auto reinvenção. A primeira questão estava relacionada ao engajamento dos próprios integrantes da equipe que eram afetados pela ausência da interação. Dessa forma, buscou-se promover

reuniões remotas de estudo semanais, com aprendizagem das ferramentas disponíveis e necessárias para interação digital, além de criar espaços de socialização e conversas livres a fim de dar oportunidade para expor angústias e compartilhar com os demais as dificuldades enfrentadas durante o tempo vivido [problemas financeiros, enfrentamento à contaminação com aqueles que tiveram parentes adoecidos, cuidados sanitários domésticos - dentro e fora de casa etc.]. Pois, é pela troca que nos fortalecemos tanto quanto humanos, como quanto educadores, nesse contínuo *estar sendo* em um mundo que muda a todo instante (FREIRE, 1987) e, para o desenvolvimento das atividades, era necessário que a equipe se reencontrasse e permanecesse existindo como um grupo coeso frente às adversidades. Somente após esse aprendizado sobre a necessidade e a importância do reencontro e, nesse contexto tão adverso, tornando a nos humanizar e compreender nossa própria complexidade, é que foi possível pensar em construir estratégias para alcançar os demais.

Um dos projetos reestruturados para adequar-se à nova rotina, via ação extensionista, foi o Curso de Férias para Alunos com Comportamento Superdotado. O evento, na forma convencional, é organizado e promovido anualmente durante as férias escolares ao longo de cinco dias nos quais os alunos superdotados e seus respectivos responsáveis participam de diversas atividades no espaço físico da universidade pública. Aos alunos, são oferecidas Oficinas Interativas (OI) (NOGUEIRA; CARDOSO; YAMASAKI; BASTOS, 2020) e *Workshops* com diversas temáticas que tenham como perspectiva educativa o desenvolvimento científico do ponto de vista problematizador e dialógico. A programação conta com outras atividades como o Corredor Pedagógico, no qual são expostos materiais didáticos, jogos etc. e, também, há a livre interação entre os alunos. Os responsáveis participam de minicursos e palestras com psicólogas e especialistas na área para (in)formar e auxiliá-los nas demandas cotidianas relacionadas ao comportamento superdotado, promovidas em forma de Roda de Conversa. Também, através da observação em sala de aula e acompanhamento do desempenho dos alunos ao longo das atividades e edições do Curso, os pais recebem devolutivas por parte da equipe pedagógica referente às evoluções dos seus filhos.

Todo o evento é considerado importante enquanto ambiente de interação e aprendizado, de forma que os alunos atendidos possam conviver com seus pares, desenvolver habilidades e potencializar a busca de soluções de problemas de forma

colaborativa, valorizando e estimulando a escuta e a espera do outro, sem incentivo à competição ou à concorrência. Ambiente que, para a maioria, é único, tendo em vista a falta de atendimento especializado tanto no espaço escolar quanto fora desse e que reforça a solidão e a invisibilidade dos alunos superdotados. Além disso, os pais, durante o evento, têm a oportunidade de compartilhar experiências e dúvidas. Dessa forma, considerando o isolamento social que todos enfrentavam somados aos altos índices de problemas emocionais devido à escassez das relações humanas e de atividades estimulantes, a adaptação ao formato *online* seria ainda mais desafiadora e relevante para esse público, necessitando a construção de um ambiente de rica interação e o desenvolvimento das diversas inteligências propostas por Gardner (2001).

Para alcançar tal intento, diversos questionamentos surgiram, sendo o primeiro: como reestruturar para o formato *online* um evento cuja relação humana é essencial? A resposta levava ao primeiro passo: a formação de toda a equipe aos recursos tecnológicos disponíveis. Somente assim, estaríamos aptos a pensar na estruturação das OI a serem desenvolvidas, pois, o simples conhecimento de determinadas ferramentas não se mostrava suficiente para a transposição da prática pedagógica. Nesse sentido, toda a equipe passou por uma formação através da participação em dois *Workshops* que possibilitaram o estudo de diversas ferramentas vinculadas à plataforma *Google* como *Classroom*, *My Maps*, *Jamboard*, *Google Sites*, *Forms*, dentre outros. Além disso, a partir da sugestão de alguns integrantes em relação ao aplicativo *Discord*, este foi explorado e, após diversas reuniões, a equipe decidiu utilizá-lo como plataforma oficial da edição de 2021 do Curso de Verão, em razão de grande parte dos alunos inscritos terem familiaridade com o aplicativo e a facilidade de sua utilização tanto em computador quanto em celular.

Estudadas as ferramentas, outras preocupações consistiram em como tecer diálogo estando distantes um do outro e por meio da fria tela de um computador ou telefone celular? Como disponibilizar o conhecimento científico de forma dialógica ou, ainda, como desenvolver a inteligência interpessoal dos alunos, em especial, daqueles que experienciariam o evento pela primeira vez e desconheciam os demais colegas e a dinâmica interativa proposta nas atividades do Curso? A diferença entre as edições no modelo presencial para o *online* estava além da distância física. No presencial, parte da equipe carregava a bagagem de experiências das edições passadas e se encontrava acostumada à

rotina, a organização, ao contato com e entre os participantes, que ia de abraços a olhares; de modo singular, durante o Curso o encontro se dava pelo esforço e empenho de sujeitos: educadores e educandos em cooperação mútua, tecendo e pronunciando o mundo, descobrindo e compreendendo a si mesmo e ao outro. Sempre logrando sucesso em gerar esperança, que somente é alcançada quando há compromisso de ambas as partes na ação de ouvir e ser ouvido (FREIRE, 1987). Já o modelo remoto era novo, não apenas para os recém-chegados à equipe, mas, em particular, para os antigos e experientes, acostumados com o processo formativo presencial. Todos, portanto, estavam suscetíveis aos medos, angústias e incertezas. Apesar dos questionamentos que surgiam aparentarem objeções, colocando-nos cada vez mais distantes da possibilidade de desenvolver o evento, serviram como fontes de incentivo e desafio diante do novo para que mantivéssemos a qualidade e essência do trabalho desenvolvido pelo grupo, como mostraremos adiante.

Interação interdisciplinar *online*: caminhos para conhecer, transformar e atender

Toda e qualquer atividade desenvolvida para alunos com comportamento superdotado necessita ter, em sua natureza, o desafio como estímulo. E, de acordo com os próprios objetivos das Oficinas Interativas, deve proporcionar a participação ativa de todos para que, assim, superem a curiosidade ingênua, alcançando a curiosidade epistemológica (NOGUEIRA; CARDOSO; YAMASAKI; BASTOS, 2020). Além disso, o diálogo e o trabalho coletivo favorecem o desenvolvimento das relações humanas que, especialmente no que concerne a esses estudantes, por vezes são prejudicadas devido ao convívio com ambientes competitivos, que não corroboram com o aprimoramento da capacidade de analisar, interpretar e entender os desejos e posições dos outros, ou seja, da chamada inteligência interpessoal (GARDNER, 2001).

No caso do diálogo, esse já se inicia durante o processo de aproximação dos acadêmicos ao universo do público-alvo. Para isso, devido à chegada de novos graduandos ao grupo e a falta de experiência dos mesmos em realizar atividades para e com os alunos superdotados, foi necessária uma qualificação marcada por discussões, durante as reuniões de estudo, com base em textos como Renzulli (2002, 2018), Fleith (2007), Virgolim (2007), Gardner (2001) etc.; aproximando os licenciandos às características, demandas e

peculiaridades da superdotação. Além disso, toda a equipe foi orientada a buscar informações sobre os alunos inscritos, analisando laudos, idades, classes sociais, escolaridades e observando em quais tipos de inteligências eles poderiam ter potenciais acima da média. Ressaltamos que responder “*para quem?*” se desenvolve uma estratégia ou projeto pedagógico é essencial na construção de qualquer atividade cujo diálogo seja meio para a disponibilização do conhecimento. Entendemos que o processo educativo se faz através do ato de aprender e ensinar e que pertencem a ambas as partes na relação educador-educando (FREIRE, 1987).

Seguindo a metodologia construtiva de uma OI, a escolha da temática a ser abordada durante a problematização (“*por quê?*”) tem como principal objetivo, desenvolver o conhecimento científico de forma contextualizada. A partir de problemas de mundo comuns, que fazem parte da realidade vivida pelos alunos superdotados, a temática escolhida proporciona não só o estudo específico dos conteúdos científicos relacionados (“*o que?*”), como também o diálogo entre as diversas disciplinas envolvidas, no caso do grupo, as das Ciências da Natureza e Matemática na promoção de uma Educação em Direitos Humanos. Apesar de alguns dos integrantes terem familiaridade com a construção de uma OI, devido à experiência adquirida no grupo, a dificuldade em transpor para um ambiente virtual persistia justamente na manutenção das características e objetivos que a descrevem. Além de priorizar um caráter problematizador e interdisciplinar, fazia-se necessário preservar a estrutura desafiadora e dialógica. No entanto, essas, estavam associadas a várias questões que se originavam na distância que oferecia como “única saída” o uso de recursos tecnológicos. Analisado esse ponto, foi necessário pensar em possíveis dificuldades e limites como: a falta de contato visual que poderia afetar a observação e compreensão do comportamento dos alunos, por parte dos ministrantes, a fim de identificar se estes estariam desinteressados ou tendo dificuldades para acompanhar as atividades, ou quando seu aparente desligamento da ação na verdade significaria o pensar e concluir mais rápido, ainda que pelo convívio anterior aguardasse os demais chegarem às conclusões; o risco de distração dos alunos com fatores externos como outras pessoas no ambiente doméstico; acesso sofrível à *internet* para outros afazeres, no computador ou celular, durante a atividade etc. Além dessas questões, era preciso atenção e o cuidado com a falsa interação, pois, a verdadeira e intensa conexão entre todos que estariam participando, seja equipe ou aluno,

ultrapassaria o simples sinal “conectado à *internet*”. Conexão é ligação, união. É enlace na definição do abraçar, de se estender, aceitar e compreender. E, perante o isolamento de mundos, cujos seres são complexos e inconclusos (MORIN, 2000), sentir-se humano e ser visto como tal era o que todos, sem exceção, necessitariam.

Assim, para minimizar os mencionados possíveis transtornos, buscou-se estruturar as OI de forma que trouxessem uma participação verdadeiramente ativa dos alunos. Ao todo, foram desenvolvidas quatro Oficinas Interativas para os alunos com comportamento superdotado: duas com duração de duas horas cada, e duas estruturadas no formato de *Workshop*, sendo uma com total de quatro horas de duração, e outra com oito horas divididas ao longo de quatro dias. De modo geral, as atividades propostas foram organizadas de forma que, optando-se pela dinâmica de pequenos grupos, os alunos seriam incentivados à pesquisa, a solucionar problemas, confeccionar produtos a partir de materiais de baixo custo, como um teodolito, a planejar e desenhar projetos de design de objetos inovadores, a construir, de forma colaborativa, produtos artísticos como música, colagem, poema ou cartazes, bem como a socializar todos os resultados alcançados em qualquer das atividades desenvolvidas. Landau (2002) afirma que alunos com comportamento superdotado são capazes de criar produtos fascinantes utilizando a tecnologia, mas que é importante auxiliá-los para que não se “percam” no fascínio pela máquina esquecendo-se de si e do resto do mundo. Neste sentido, enfatiza-se que todas as atividades buscaram sempre o diálogo entre os pares e o intercâmbio de saberes, bem como o uso de materiais como, instrumentos musicais, papel, plástico, régua, transferidor, cola etc. minimizando sempre que possível o uso do computador.

Diferente dos anos anteriores, essa edição também contou com uma novidade: em um dos *Workshops*, desenvolvido a partir de uma proposta de jogo, do tipo *Role-Playing Game* (RPG) de mesa, criada por um ex-participante do Curso e denominado de “*Your Reality Role-Playing Game*” (YRRPG), os grupos de alunos, em salas separadas, seriam incentivados a discutir questões sociais em uma sociedade hipotética a qual reconhecia valores morais e éticos invertidos, com relação aos nossos, e de acordo com as narrativas propostas, assumiriam personagens fictícios em busca de solucionar problemas. As histórias desenvolvidas abordariam temáticas como: preconceitos, discriminação racial, orientação sexual, regimes totalitários, democracia e movimentos sociais; e, os personagens só

conseguiriam efetivamente resolver as situações se atuassem de forma colaborativa. Além de intensificar a interação, a atividade promoveria reflexões sobre alguns problemas do mundo que, em função das bolhas sociais, por vezes são ignorados ou distorcidos; cada estudante seria incentivado a se colocar no lugar do outro, refletindo sobre as condições de vida alheia e desenvolvendo a empatia para que, ao transpor para a sua realidade e romper com a cultura do silêncio, fosse capaz de buscar meios para interferir e, por fim, modificar a realidade, fator essencial para o “*educar para o nunca mais*” (CANDAU, 2012).

Vale destacar que, conforme constatado nas edições presenciais, a formação de pequenos grupos estimula os alunos de forma equitativa, oferecendo ao ministrante da oficina e ao monitor a oportunidade de observar e fomentar melhor o desempenho individual, bem como trabalhar a inteligência interpessoal de cada participante; ajudando-o a se tornar mais paciente com o tempo de seus colegas, a contribuir de forma coletiva e, também, gerar ou aperfeiçoar o espírito de liderança. A busca por tais relações vai ao encontro de Landau (2002) ao enfatizar a importância de o indivíduo entrelaçar as relações com o meio externo a partir de suas próprias reflexões com o intuito de fomentar não só as inteligências intra e interpessoal, como também sua criatividade e autorrealização. A opção por recorrer e enfatizar ainda mais tal organização em todas as OI no modelo remoto, além dessas vantagens, facilitaria a aproximação com os alunos, de modo a diminuir o risco de distração, demais preocupações e proporcionaria maior acolhimento àqueles que participassem do curso pela primeira vez.

No entanto, para que a observação e o incentivo sejam feitos adequadamente, toda a equipe se prepara para realizar simulações pedagógicas de cada OI a ser aplicada durante o curso. Permitindo, assim, maior proximidade e amadurecimento das possibilidades oferecidas pelos recursos utilizados. Além disso, durante as simulações, os ministrantes e monitores analisam e avaliam a apropriação do conteúdo e do próprio andamento pedagógico proposto, sua postura e a de seus colegas, especialmente em relação à abordagem e estímulo aos alunos; e, inclusive, avaliar a necessidade de modificação e organização da proposta da OI. As simulações pedagógicas para a edição *online* foram realizadas durante dois meses usando a plataforma *Discord*, proporcionando maior familiaridade da equipe com as ferramentas disponíveis, contribuindo tanto para o aprimoramento da práxis, indicando a necessidade de vários ajustes e adaptações impostos

aos andamentos pedagógicos, quanto da própria estrutura e número de canais do aplicativo para cada OI, garantindo que chegassem aos estudantes em formato mais adequado, dinâmico e interativo.

Oficinas Interativas e relações humanas no formato virtual: um ato de resistência

O perfil dos alunos com comportamento superdotado inscritos no Curso de Férias pode ser considerado bastante heterogêneo. A faixa etária corresponde a crianças matriculadas desde o primeiro ano do Ensino Fundamental até adolescentes no último ano do Ensino Médio. Alguns residem em cidades vizinhas e outros em municípios ou estados, a quilômetros de distância do *campus* sede da Universidade em que ocorre o evento. Além disso, a diversidade em questão mostra-se ainda mais evidente ao analisarmos o perfil socioeconômico, observam-se alunos oriundos de famílias com médio/alto poder aquisitivo, mas também outros que se encontram em vulnerabilidade socioeconômica; no entanto, considerando a ótica de que todos são recebidos de forma equitativa, essas diferenças tornam-se, por vezes, indiferentes, não impedindo sua plena participação no Curso. O maior obstáculo desses alunos é a dificuldade de seus responsáveis em relação ao deslocamento até o ambiente da Universidade, devido à distância e ao tempo dispendido, significativo àqueles que necessitam ir ao trabalho. Mas, ainda assim, os efeitos dessa dificuldade mostram-se em casos pontuais e esporádicos, graças à intensa dedicação dos responsáveis ao compromisso, esforçando-se para a permanência de seus filhos no Curso.

No modelo *online*, entretanto, as diferenças se sobressaíram. Um dos principais problemas observados na adaptação ao ensino remoto por todo o país durante a pandemia, não passou despercebido nessa edição do Curso. A causa originada na imensa desigualdade social vivida por milhares de brasileiros refletiu-se, especialmente, na falta de recursos tecnológicos adequados, como computadores com baixo desempenho ou, até, a inexistência do aparelho, conexão com a internet instável, dispositivos de áudio ou vídeo precários, dentre outros. Condições que evidenciam ainda mais a ausência de estruturas mínimas do sistema educacional brasileiro para possibilitar a transposição de atividades essenciais para o modelo remoto, de modo a enfrentar as adversidades sem pôr em risco a aprendizagem dos alunos da educação básica. Desses problemas, a acessibilidade digital afetou não somente os

que se encontram em condições de vulnerabilidade, ainda que nesses casos tenha sido contundente, mas também aqueles em condição econômica privilegiada, os quais, durante o curso, relataram dificuldade devido à instabilidade na conexão, mesmo utilizando provedores considerados superiores.

Por outro lado, se os problemas técnicos comprometeram o desempenho de alguns alunos nas atividades, também expuseram a persistência e dedicação de outros. A parede de tijolos revelada através da imagem *pixelizada* contrastava em meio a outras com a mais alta definição. Aos despercebidos, era a resolução. Resolução na forma fria do cálculo que determina a qualidade de uma imagem. Mas aos olhares mais atentos, era a resolução de firme decisão: propósito de mergulhar em cada oportunidade de conhecer e tecer o mundo. Ou ainda, da coragem de mostrar-se para além do simples. Naquele instante, o fundo da imagem pouco importava. O que os nossos olhos contemplaram foi o sonho e o ímpeto de um menino de 11 anos que, com o único aparelho celular da família, sentado do lado de fora da casa, recostado na parede, no lugar do terreno em que conseguia acesso à rede, conectou-se. E os desafios apresentados durante as atividades, assim como a interação promovida (LANDAU, 2002) foram fundamentais para que o aluno e a equipe superassem todas as limitações que o mundo virtual apresentava naquele momento.

Sem dúvida, as estruturas tecnológicas adequadas e o mínimo conforto do lar são fatores que, de modo geral, influenciam positivamente no desempenho das crianças, tanto no ensino remoto quanto no presencial e se encaixam nas condições que favorecem o ambiente seguro proposto por Landau (2002). Porém, destacamos aqui que o esforço contínuo da equipe para abraçar, compreender e promover a verdadeira conexão entre todos, apresentando ou não problemas técnicos, é o que essencialmente fortaleceu o ambiente de segurança e liberdade. Dessa forma, considerando a inteligência como um fator biopsicológico (GARDNER, 2001), observamos que o acolhimento e a atenção são fatores externos indispensáveis que estimulam o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, evidenciando que a simples garantia de recursos materiais não é suficiente para a promoção da criatividade.

Ademais, os problemas técnicos apontados durante o evento não foram suficientes para apagar a ânsia dos alunos em se comunicar e interagir. Todas as propostas de OI mencionadas anteriormente foram aplicadas e recebidas com muito sucesso pelos alunos. A

abordagem ampla, sem enfoque em apenas um dos tipos de inteligência, não foi motivo de desestímulo dos alunos nos casos de interesse restrito, principalmente pelo seu conhecimento da dinâmica de trabalho realizada pelo grupo. Muitos, inclusive, em seus questionários de avaliação do evento, mostraram-se surpresos quanto à manutenção da interatividade e do diálogo até mesmo no formato *online*, considerando as OI bastante criativas, envolventes e bem elaboradas. A necessidade das relações entre sujeitos, pares ou não, mostrou-se tão intensa a ponto de termos que organizar, no último dia, um tempo de interação livre sem atividades em que os alunos tiveram liberdade de explorar e acessar as salas do canal no aplicativo, em que estavam os grupos dos quais não haviam participado, e interagir com todos seus colegas para conversar e trocar ideias. Tal dinâmica logrou tanto sucesso que, na última edição, em 2022, que usufruiu de toda a experiência e conquistas do ano anterior, foi estabelecido um dia inteiro de atividade livre voltada para fomentar o diálogo e a intersubjetividade.

Considerações Finais

Desde os meses finais de 2019, o mundo inteiro acompanhou de perto a disseminação da Covid-19. Os números alarmantes de óbitos causados pela doença geraram pânico e desespero entre todos aqueles que buscavam saídas a fim de evitar infecção e contágio. O uso de máscaras não bastou e milhares de pessoas tiveram que se isolar em suas casas como medida de proteção. Escritórios e escolas fechados, opções de entretenimentos cancelados, as universidades públicas lutando para dar sequência a projetos de pesquisas, ensino e extensão etc. As rotinas se transformaram e, no meio desse caos, o grupo de pesquisa não encontrou alternativa a não ser se reinventar para superar esse contexto. O afastamento social que todos vivenciávamos trazia consideráveis consequências emocionais e, apesar das relações já existentes no mundo contemporâneo através das telas, o que percebemos nas poucas interações virtuais eram olhares que exprimiam angústias, dores, lutos e a sede por um abraço. Porém, não nos limitamos a olhar apenas para nós mesmos. Nossos pensamentos iam ao encontro daquelas crianças com quem criamos laços e a todas as outras ainda desconhecidas. O grupo precisou permanecer atuando não apenas por nós, mas especialmente por elas.

No caso particular dos alunos com comportamento superdotado atendidos pelo grupo de pesquisa, a ação promovida foi oportunidade única de encontro, visibilidade, segurança e liberdade, apesar de ter parecido improvável devido ao ambiente conturbado gerado pela pandemia e os recursos limitados. Mas, assim como para inúmeros profissionais da educação e de outras áreas, o processo de adaptação do Curso de Férias tornou-se para o grupo de pesquisa um ato de resistência perante a crise. Especialmente ao pensarmos no estado emocional debilitado daquelas crianças que necessitam, por suas peculiaridades, de maior interação e motivação e que, por conta da diminuição drástica desses fatores, encontravam-se ansiosas e angustiadas. Era fundamental que em um mundo de transformações, houvesse a permanência de valores fundamentais para uma educação democrática.

O olhar humanizado, antes de tudo, para a própria equipe foi essencial para a continuidade do trabalho do grupo e a preparação da edição online do Curso de Férias. Foi necessário reconhecermo-nos como humanos complexos e também fragilizados. O cuidado, apesar de todas as imperfeições, foi essencial para a restauração da força, da coragem e, mesmo distantes, da união de grupo. E, ainda que as angústias e os medos não houvessem cessado por completo, coube a nós o esforço e a responsabilidade de levar educação de qualidade aos alunos, oferecendo um atendimento que sabíamos ser único para a maioria das crianças com comportamento superdotado que recebemos em nosso projeto. Desse modo, a realização do Curso de Verão *online* se tornou, também para eles, um caminho de resistência e superação.

Construir um ambiente novo, em todos os sentidos, que fortaleceu as relações humanas e promoveu o desenvolvimento da criatividade e das inteligências das crianças e adolescentes foi desafiador. Sem dúvida nossa proposta, e porque não dizer ousadia, sustentou-se em percorrer todos os sentidos da palavra “interação”. Seja entre os membros da equipe, através do apoio mútuo que não deixou ninguém desanimar durante o longo processo do isolamento social, ou com e entre os alunos atendidos, fazendo-os adentrarem em um ambiente no qual puderam aprender para além dos conteúdos científicos e, em especial, a se reconhecerem nos demais. Consideramos que todo o processo de adaptação do evento evidenciou também o desenvolvimento da criatividade dos integrantes do grupo, os quais, diante da adversidade, buscaram alternativas e coragem para a inovação, não

somente a fim de desenvolver as potencialidades dos alunos, como, também, as suas próprias, promovendo as transformações necessárias, assim como a permanência de valores essenciais para a educação, como os diálogos.

Vale destacar que metade dos graduandos que integravam o grupo havia iniciado o curso superior no primeiro semestre de 2020, não tendo convivido presencialmente na universidade até o início de 2022. Para eles, todas as atividades realizadas em grupo, as de estudos, planejamento, simulações, representaram chances de se sentirem pertencentes ao espaço-tempo da universidade pelo qual também ansiavam. Seu convívio com os colegas mais antigos proporcionou ajuda na superação de várias incertezas quanto ao ambiente acadêmico e de abordagem de suas próprias aulas e organização de estudos. Por sua vez, os veteranos da equipe, mostraram-se receptivos e o acolhimento aos colegas foi também estímulo para o compartilhamento de suas ansiedades e pedidos de ajuda. No primeiro encontro presencial geral da equipe, a sensação era de que muitos outros haviam ocorrido antes.

Nas várias ações, a ênfase no processo dialógico corroborou com a aprendizagem democrática, seja nas atividades de formação da equipe, seja nas realizadas com os estudantes da educação básica, pois, através da sensibilização, graduandos e alunos foram incentivados ao desenvolvimento do respeito às diferenças individuais, das diversidades de opiniões, ideias e vivências. Todos experienciaram a Educação em Direitos Humanos por meio de diversos contextos vividos pela sociedade atual, refletindo sobre a garantia à vida digna de toda população.

Dessa forma, as transformações vivenciadas por cada um dos envolvidos, estudantes, graduandos e professores formadores, resultaram da compreensão humana e do reconhecimento de que somente pela atuação coletiva, mesmo que diante das limitações, podemos *ser mais*. Evidenciando o quanto somos capazes de evoluir diante das dificuldades, ajudando uns aos outros e consolidando a consciência e a responsabilidade social que temos perante a dinamicidade de um mundo que está em constante movimento. Por fim, nunca será demasiado lembrar que essas transformações só foram possíveis à luz do Paradigma Educacional e Científico Emergente.

Referências

ANASTASIOU, Léo das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 3. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2003.

ARENDRT, Hannah. **A crise na educação**. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 221-247.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – Resolução No4. 2009. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/> Acesso em: 21 de julho de 2022.

CANDAU, Vera Maria. Educação em Direitos Humanos no Brasil: gênese, desenvolvimento e desafios atuais. In PAIVA, Angela Randolpho. (org.) **Direitos Humanos e Seus Desafios Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ/Editora Pallas, 2012. p.17-34.

FAZENDA, Ivani Catarina Alves. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou Ideologia?** 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FLEITH, Denise de Souza (Org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: atividades de estimulação de alunos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

FLEITH, Denise de Souza (Org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: orientação a professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARDNER, Howard. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANDAU, Erika. **A coragem de ser superdotado**. Arte & Ciência, 2002.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NOGUEIRA, Sonia Regina Alves; CARDOSO, Fernanda Serpa; YAMASAKI, Alice Akemi; BASTOS, Ana Luiza. Freire, Renzulli e as Oficinas Interativas para Alunos Superdotados. **Educação Em Foco**, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/32923> Acesso em: 31 de mai. de 2022.

RENZULLI, Joseph Salvatore. The three-ring conception of giftedness. In Baum, SM, Reis, SM & Maxfield, LR (Eds). **Nurturing the gifts and talents of primary grade students** (p.1-27). Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1998.

RENZULLI, Joseph Salvatore. Modelo de enriquecimento para toda a escola: um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. **Revista educação especial**. [S.L.] v. 27, n. 50,

2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14676/pdf> Acesso: 03 de abr. 2020.

RENZULLI, Joseph Salvatore. Expanding the conception of giftedness to include co-cognitive traits and to promote social capital. **Phi Delta Kappan**, 84(1), 33-40, 57-58, 2002.

RENZULLI, Joseph Salvatore. Reexaminando o papel da educação para superdotados e o desenvolvimento de talentos para o Século XXI: uma abordagem teórica em quatro partes. In: VIRGOLIM, Angela Márgda Rodrigues (org.). **Altas Habilidades/ Superdotação: processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais**. Curitiba: Juruá, 2018. 354p. cap.1, p. 19-42.

RENZULLI, Joseph Salvatore. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**, v. 27, n. 52, p. 75-131, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso Sobre As Ciências**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Maria Victoria Benevides. Cidadania e Direitos Humanos. In: CARVALHO, Jose Sérgio (Org.). **Educação, Cidadania e Direitos Humanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 43-65.

VIRGOLIM, Angela. **Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade: Uma visão multidisciplinar**. Papirus Editora, 2014.

VIRGOLIM, Angela. **Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

Data do envio: 07/06/2022

Data do aceite: 14/09/2022.